BIBLIOTECA DO CIDADÃO

O LIVRO NA RUA®

Série Diplomacia ao alcance de todos



2

BARÃO DO RIO BRANCO

Coleção Divulgação – **INCENTIVO A LEITURA - Distribuição gratuita**

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

THESAURUS Editora

© Thesaurus Editora – 2007

O organizador

M. P. Haickel é professor de Literatura, formado em Letras pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA. Romancista, acaba de lançar *Cinza da Solidão*. É editor da revista eletrônica www.nosrevista.com.br

Revisão: Marina Mendes e Jacinto Guerra

Colaboração: Gabriel Oliveira Marçal Ferreira – Pesquisador Funag/IPRI

Arte, impressão e acabamento:
Thesaurus Editora de Brasília
SIG Quadra 8 Lote 2356, Brasília - DF – 70610-480 – Tel: (61) 3344-3738
Fax: (61) 3344-2353 ou End. eletrônico: editor@thesaurus.com.br

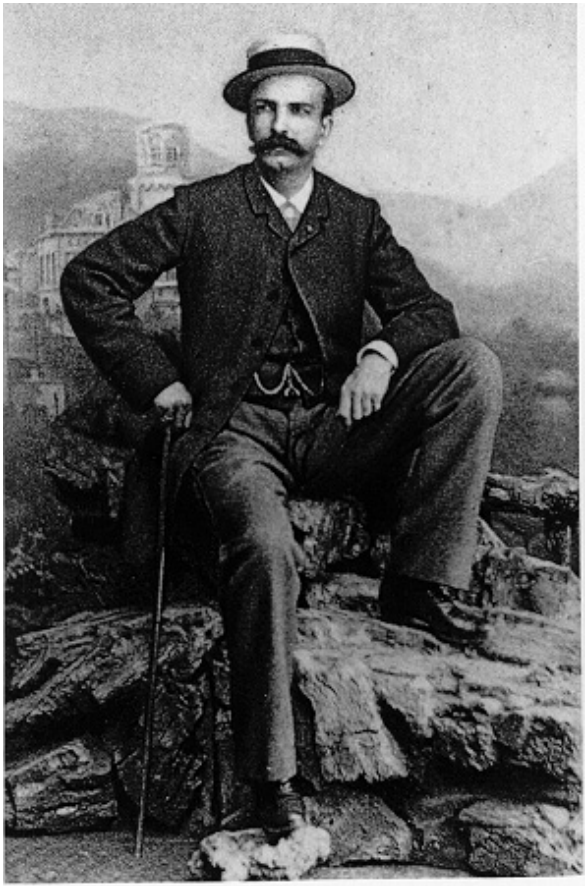
Editores: Jeronimo Moscardo e Victor Alegria

Os direitos autorais da presente obra estão liberados para sua difusão desde que sem fins comerciais e com citação da fonte. **THESAURUS EDITORA DE BRASÍLIA LTDA.** SIG Quadra 8, lote 2356 – CEP 70610-480 - Brasília, DF. Fone: (61) 3344-3738 – Fax: (61) 3344-2353 *End. Eletrônico: editor@thesaurus.com.br *Página na Internet: www.thesaurus.com.br – Composto e impresso no Brasil – *Printed in Brazil*

Nota Biográfica

José Maria da Silva Paranhos Júnior, o **BARÃO DO RIO BRANCO**, nasceu no Rio de Janeiro no dia 20 de abril de 1845, filho de José Maria da Silva Paranhos e de Teresa de Figueiredo Faria. Advogado, político, jornalista e diplomata, ele foi responsável pela consolidação das atuais fronteiras do Brasil, no início do século XX, conquistando, através da diplomacia, a garantia de um território equivalente a 900 mil quilômetros quadrados, sem disparar um só tiro. Grande parte do mapa brasileiro foi riscado pela caneta do diplomata.

A solução de todos os problemas fronteiriços brasileiros ainda no início do século XX foi uma grande vantagem legada às futuras gerações do Brasil e da América do Sul. Questões de limites nacionais costumam consumir energia, sangue e recursos por longos anos, mesmo séculos. Países balcânicos se digladiam hoje num conflito que remete aos antecedentes da descoberta da pólvora. Mesmo na América do Sul contendas sérias ainda existem, como por exemplo a demanda boliviana frente ao Chile e ao Peru por uma saída para o mar, fundamental para



O jovem Barão do Rio Branco

o desenvolvimento de seu comércio, perdida numa guerra ainda do século XIX. Nosso país continental, numa linha que percorre 15.600km, limita seu território com todas as nações sul-americanas à exceção do Chile e do Equador. E, no entanto, não enfrentamos conflitos fronteiriços com quaisquer desses países. Graças à diplomacia de Rio Branco, portanto, nossa Política Externa se viu liberada desses entraves, ganhando desenvoltura para tratar de outras questões. Hoje, a América do Sul como um todo se beneficia da inexistência de conflitos dessa natureza com o maior país do continente proporcionando, entre outros, um caminho menos obstaculizado rumo à integração regional.

Mais velho de 9 filhos, teve no pai, notável homem do Segundo Império, Deputado, Plenipotenciário brasileiro no Uruguai, Ministro da Marinha e dos Negócios Estrangeiros, Senador e Primeiro Ministro, Visconde do Rio Branco, sua maior inspiração. Uma das figuras mais importantes do Brasil Imperial, José Paranhos (pai) negociou o fim da Guerra do Paraguai em 1869 e, dois anos mais tarde, foi nomeado Presidente do Conselho de Ministros. Promulgou a Lei do Ventre Livre, que dava liberdade aos filhos de escravos. Na adolescência, Juca (como era conhecido o futuro Barão do Rio Branco)



O escritório onde o Barão do Rio Branco passava boa parte de seu tempo preparando as defesas dos tratados diplomáticos do Brasil

acompanhava o Visconde em suas missões ao Sul do Brasil, onde já demonstrava interesse pelas questões fronteiriças, tão comuns à época.

Inicia seus estudos no tradicional Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, onde mais tarde veio a lecionar Geografia e História do Brasil. Aos 17 anos, Juca Paranhos transfere-se para São Paulo, a fim de ingressar na Faculdade de Direito, curso que viria a completar no Recife. Na capital pernambucana, colaborou com o jornal *O Vinte e Cinco de Março,* editado por Pinto de Campos, além de contribuir com

desenhos e artigos sobre a Guerra do Paraguai para a revista francesa *L'Ilustration.*

Grande colecionador de mapas, cartas e documentos, correspondia-se com o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e com a Biblioteca Nacional, enviando cópias de documentos encontrados em arquivos europeus e solicitando material para sua coleção particular. A partir de 1891, passou a colaborar com o *Jornal do Brasil,* sempre usando pseudônimo e dando alfinetadas na jovem República. Foi o segundo ocupante da cadeira 34 da Academia Brasileira de Letras, eleito em 1º de outubro de 1898, na sucessão de Pereira da Silva.

Em julho de 1868, depois de seis anos de domínio liberal, os conservadores voltaram ao poder. José Maria da Silva Paranhos (pai), Senador por Mato Grosso desde 1863, foi designado Ministro dos Negócios Estrangeiros. Juca Paranhos, por influência do pai, elegeu-se Deputado Geral pelo Mato Grosso, tomando posse em maio de 1869. Foi Deputado por duas legislaturas, tendo exercido o mandato até 1876.

Antes da posse na Câmara, atuou como Secretário particular do pai por alguns meses em missão diplomática relacionada ao término da Guerra do Paraguai. Em 1870, já como Deputado, acompa-

nhou o pai na missão que negociou a assinatura do tratado de paz definitivo entre Paraguai, Uruguai, Brasil e Argentina. Paralelamente à atividade política, passou a escrever artigos para o jornal *A Nação,* ligado ao Partido Conservador.

Freqüentador de casas de espetáculos e restaurantes por onde circulavam os membros da elite carioca, conhece a atriz Marie Philomène Stevens, com quem iniciou um romance, que deu origem a um escândalo na tradicional sociedade da época. Em 1873, sob pressão do pai, na época chefe de gabinete ministerial, Marie Philomène embarca de



A elegância em trajes e estilos da época do Barão

volta para a França, onde nasceu o primeiro dos cinco filhos que o Barão teve com ela. Em 1898, Marie vem a falecer, depois de uma longa enfermidade.

Em 1883, após a morte do pai, Rio Branco foi encarregado de representar o país na Feira de São Petersburgo, na Rússia. Ao fim da missão, recebeu o título de Conselheiro e, em 1888, o de Barão. Cônsul-Geral em Liverpool, foi Ministro creditado na Alemanha em 1900, assumindo o Ministério das Relações Exteriores, cargo que exerceu de 1902 até sua morte, em 1912.

Ainda em 1895, havia já conseguido assegurar ao Brasil boa parte do território dos estados de Santa Catarina e Pará, em litígio com a Argentina, no que ficou conhecido como a Questão de Palmas. Foi o prestígio obtido nesses dois casos que fez com que Rodrigues Alves escolhesse Paranhos para o posto máximo da diplomacia em 1902, quando o Brasil estava justamente envolvido em uma questão de fronteiras, desta vez com a Bolívia.

Em 1903, assinou com a Bolívia o Tratado de Petrópolis, pondo fim ao conflito dos dois países em relação ao território do Acre, que passou a pertencer ao Brasil. Esta é a mais conhecida obra diplomática de Rio Branco, cujo nome foi dado à capital daquele território, hoje estado do Acre.

O Barão do Rio Branco foi o estadista que mais tempo exerceu o cargo de Ministro do Exterior, servindo a quatro governos da República ininterruptamente, sendo considerado um patrimônio nacional. Além da solução dos problemas de fronteiras, Rio Branco lançou as bases de uma nova política internacional, adaptada às necessidades do Brasil moderno. Nesse sentido, foi um devotado pan-americanista, preparando o terreno para uma aproximação mais estreita com as repúblicas hispano-americanas e acentuando a tradição de amizade e cooperação com os Estados Unidos da América.

Exemplo de virtude e sucesso, o Barão do Rio Branco foi um vencedor por excelência, tanto que o povo se agarrava às suas vitórias diplomáticas como forma de restituir um pouco de auto-estima nacional. Essa gratidão pelas vitórias ficou visível, ainda em sua vida, com as homenagens por ocasião de seu regresso ao Rio de Janeiro, em 1902, para assumir o Ministério das Relações Exteriores, depois de longa ausência do País. Foi uma das mais impressionantes manifestações de rua jamais vista no Rio de Janeiro, então capital federal da República.

Morreu em 10 de fevereiro de 1912, aos 66 anos, no seu gabinete de trabalho, ainda Ministro, de insuficiência renal. Sua morte causou comoção

em todo o país e foi notícia nos principais jornais nacionais e até no estrangeiro. Seu corpo foi velado no Itamaraty e mobilizou grande multidão que veio prestar as últimas homenagens ao grande estadista, cujos serviços e cujo nome ficarão eternamente vivos na gratidão brasileira.

No início do século XX, o Barão do Rio Branco foi o principal responsável por colocar o Ministério das Relações Exteriores, ou o Itamaraty, como passaria a ser chamado, em lugar de destaque na burocracia republicana. Durante os 10 anos que esteve à frente do Ministério, registrou-se um sensível aumento do número de representações do país no exterior. Entre 1905 e 1911 foram criados 25 novos consulados. Seu prestígio era tanto que, em 1909 seu nome foi sugerido para a sucessão presidencial do ano seguinte.

Sua morte, durante o carnaval de 1912, alterou o calendário da festa popular naquele ano, dado o luto oficial e as intensas homenagens que lhe renderam na cidade do Rio de Janeiro.

Em 1945, seu nome seria dado ao Instituto criado no Ministério das Relações Exteriores pelo Presidente Getúlio Vargas para seleção e treinamento dos diplomatas brasileiros.

Principais obras:

Efemérides brasileiras (1893-1918); *A questão de limites entre o Brasil e a República Argentina,* 6 vols. (1894); *A questão de limites entre o Brasil e a Guiana Francesa,* 7 vols. (1899-1900); numerosas obras de história do Brasil, história diplomática, biografias, séries de comentários concernentes às questões de fronteira, além de artigos publicados em jornais.

Sugestões de leitura:

Moura, Cristina Patriota de. *Rio Branco: a Monarquia e a República.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. Disponível em: http://www2.mre.gov.br/irbr/barao/ barão.htm e http://www.biblio.com.br/conteudo/biografias/baraodoriobranco.htm.

Lins, Álvaro. *Rio Branco (O Barão do Rio Branco): biografia pessoal e história política*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1996. 516p.

Viana, Luís Filho. *A Vida do Barão do Rio Branco*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1959. 458p.

Cardim, C. H., Cruz, J. B. e Franco, A. da C. (Org.). *O Barão do Rio Branco por grandes autores*. Rio de Janeiro: EMC edições/FUNAG, 2003.

Referências Bibliográficas
Personalidades da política externa brasileira Alzira de Abreu, Sérgio Lamarão, organizadores. Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2007. 166p.

Sítios pesquisados na Net:
http://www.academia.org.br
http://www.geocities.com/relsite/ricupero.html
http://www.terra.com.br/istoe/biblioteca/brasileiro/lideres/est8.htm

"Rio Branco é sinonímia mais alta que se encontra no dicionário do Brasil. Na mitologia do Brasil, Rio Branco será nosso Hércules; suas proezas nos estimulam o coração e dão imagens a nossos olhos. Se há alguma coisa para que o Brasil possa olhar, vibrando, são os feitos de Rio Branco. Missões, Amapá, Acre são alegorias florentes no livro para crianças que é a história de todo povo digno de glória, capaz de orgulho nacional."

Gilberto Amado

"Sobre qualquer assunto brasileiro, o Barão do Rio Branco tem sempre, em alguma gaveta, a última palavra."

Eduardo Prado

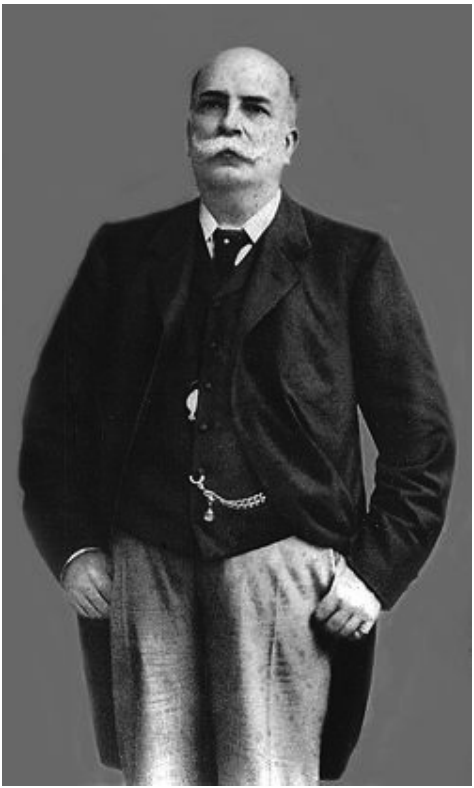
"A mais alta das razões para que ainda o evoquemos é, porém, a de que, entre brasileiros, nenhuma outra vida de homem pública merece mais ser rememorada. Por seu devotamento ao Brasil, por sua normalidade, por sua continuidade lógica, por sua coerência, por sua beleza. Nenhuma improvisação aventurosa. Nenhum milagre, ainda que ocorressem algumas circunstâncias felizes. Um esforço continuado, tenacíssimo, de todas as horas, ininterrupto, por longos e longos anos – afinal bem recompensado. Nenhum resquício de filhotismo, de parasitismo doméstico."

Levi Carneiro

"O dia de hoje não é dos mais próprios para escrever cartas, mas vai esta a apresentar-lhe congratulações pela libertação, que, a esta hora, meia depois do meio dia, ainda não está realizada, mas não pode tardar mais do que momentos. A obra iniciada por seu glorioso pai toca o termo. Mil parabéns."

Capistrano de Abreu

Carta ao Barão do Rio Branco no dia 13 de maio de 1888



FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

A Fundação Alexandre de Gusmão realiza atividades culturais e pedagógicas, além de estudos e pesquisas no campo das relações internacionais e da política externa brasileira, promovendo e divulgando reflexões sobre o cenário internacional e o Brasil no mundo.